

ENSINO DE BEM-ESTAR ANIMAL NOS CURSOS DE MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA

ZOOTECNIA

José Roberto SARTORI¹

O bem-estar dos animais de interesse zootécnico, de certa forma, sempre foi uma preocupação dos produtores e pesquisadores, que tinham como objetivo melhorar as condições de criação e reduzir o estresse para obter melhor desempenho dos animais de produção. Atualmente, porém, devido às pressões de consumidores, ONGs e legislações recentes, este conceito se ampliou e envolveu os direitos dos animais e abate humanitário.

Uma das primeiras iniciativas da FMVZ, UNESP, Campus de Botucatu no ensino do bem-estar animal propriamente dito, foi o curso de “CAPACITAÇÃO PARA O ENSINO DA DISCIPLINA DE BEM-ESTAR ANIMAL”, promovido pela WSPA (World Society for the Protection of Animals) no período de 04 a 06 de outubro de 2004, que propiciou treinamento de docentes e alunos de pós-graduação para o ensino do bem-estar animal para os cursos de Medicina Veterinária e Zootecnia. No ano de 2005, foi realizado o Curso de Bem-Estar Animal, que contou com a participação de 120 alunos dos cursos de Medicina Veterinária, Zootecnia e Biologia. Também neste ano, aconteceu o II Fórum Internacional de Bioética e Bem-Estar Animal promovido pelo Departamento de Reprodução Animal e Radiologia Veterinária da FMVZ, UNESP, Campus de Botucatu. Estas atividades, contribuíram para o treinamento e capacitação do corpo docente, dando-lhes uma visão atualizada sobre os estudos nesta área e culminando com a criação, em 2007, da disciplina optativa de Bem-Estar Animal nos currículos dos Cursos de Medicina Veterinária e Zootecnia, com a participação expressiva neste ano de 26 e 60 alunos, respectivamente.

A disciplina é oferecida no 1º semestre letivo e em 2008 estão inscritos 25 alunos do Curso de Medicina Veterinária e 53 do Curso de Zootecnia, o que indica o grande interesse dos alunos pelo tema. Durante a disciplina, como atividade didática e para fins de avaliação, os alunos são divididos em grupos para fazerem um levantamento do bem-estar dos animais nos diversos setores de produção e laboratórios da Universidade e, no final da disciplina, apresentarem na forma oral e escrita para os demais colegas e professores. No último ano foram levantadas as condições de bem-estar dos animais pertencentes aos setores de produção de bovinos de corte, bovinos de leite, caprinos, ovinos, biotério, suínos, bubalinos, coelhos, canil, aves de postura, aves de corte e eqüinos da FMVZ, UNESP, Campus de Botucatu e do canil da Prefeitura Municipal de Botucatu/SP. A reação dos alunos frente a este desafio foi muito favorável e os trabalhos escritos e apresentações foram muito bem elaborados, ricos em detalhes e com real envolvimento e questionamento dos alunos quantos às condições dos animais em cada setor avaliado.

¹ Zootecnista, Professor Assistente Doutor do Departamento de Melhoramento e Nutrição Animal da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, UNESP, Campus de Botucatu/SP, Caixa Postal 560, CEP: 18618-000, Botucatu – SP. E-mail: jrsartori@fca.unesp.br - *Autor para correspondência.

A idéia também foi muito bem recebida pelos docentes responsáveis pelas áreas de pesquisa, que facilitaram o acesso dos alunos e receberam, posteriormente, os relatórios gerados para cada setor. O programa da disciplina foi baseado no material proposto pela WSPA (CONCEITOS DE BEM-ESTAR ANIMAL, 2002), adaptado e enriquecido de detalhes e da experiência dos seis docentes que ministram a disciplina.

Na área de Zootecnia, os grandes desafios para o ensino da disciplina de bem-estar animal ocorrem principalmente nas criações destinadas a produção de alimentos de origem animal, devido a algumas peculiaridades: 1) a visão de rebanho e não de indivíduo; 2) a pressão pela produtividade para garantir o retorno econômico, que leva ao aumento da densidade de criação e máxima utilização das instalações e equipamentos; 3) o uso de instalações e equipamentos antigos e que não atendem as exigências de conforto dos animais, pois durante as últimas décadas, as indústrias de equipamentos apresentaram desenvolvimento tecnológico inferior às outras áreas relacionadas a produção animal, tais como nutrição, melhoramento genético e sanidade; 4) os “excessos” no crescimento e na produção dos animais ocasionados, principalmente, pelos ganhos obtidos no melhoramento genético e na nutrição dos animais, ocasionando distúrbios fisiológicos nos animais que os tornaram mais sensíveis ao ambiente (problemas de locomoção, de parto, maior sensibilidade ao calor, doenças metabólicas e nutricionais, devido a maior exigência nutricional); 5)

sistemas de criação intensivos, nos quais os animais não conseguem manifestar normalmente seus comportamentos de alimentação, reprodução, fuga, proteção, etc., ficando à mercê de dietas e manejos estritos para atender suas exigências nutricionais e homeostase fisiológica, muitas vezes negligenciados por tratadores mal treinados e/ou mal intencionados.

Também há grande preocupação com os animais de companhia (cães, gatos, peixes, aves, répteis, entre outros), animais de trabalho (eqüinos e muares) e animais de entretenimento mantidos em circos, zoológicos e arenas de rodeios. Os relatos de excessos cometidos pelo ser humano contra estes animais são extensos e, provavelmente, estas categorias foram as que mais influenciaram a opinião pública e contribuíram para o surgimento dos movimentos de defesa dos animais. Muitas vezes negligenciados por seus donos e/ou tratadores, agredidos, mantidos presos em pequenos espaços, com alimentação inadequada e insuficiente para atender suas exigências, submetidos a mutilações para diminuir sua agressividade ou simplesmente por estética, estes animais merecem tanta atenção quanto os animais da cadeia produtiva de alimentos e produtos de origem animal.

As Universidades devem sensibilizar seus alunos para o fato de que, em muitas situações, mudanças profundas nos sistemas de criação podem se fazerem necessárias para melhorar o bem-estar dos animais, associadas á profundas mudanças de hábitos culturais e de consumos dos alimentos da população. Tem-se observado que, os sistemas de

criação alternativos (produções orgânicas, caipiras, verde, etc.) estão se desenvolvendo em todo país, trabalhando com animais que sofreram menor intensidade de seleção (linhagens ou raças caipiras), com dietas de menor densidade nutricional que proporcionam um crescimento mais lento e menor produção, com acesso a piquetes para que os animais possam caminhar, pastar e expressar seus comportamentos mais básicos. Porém, nestes sistemas semi-extensivos ou extensivos, surgem novos desafios relacionados, principalmente, ao controle sanitário dos rebanhos, com maior dificuldade de controle de algumas doenças e parasitas, mais facilmente controláveis nos animais confinados, podendo ocasionar problemas de saúde pública, com comprometimento da segurança sanitária dos alimentos de origem animal. Além de existirem maiores riscos de acidentes e predadores aos quais os animais estarão sujeitos.

Os cursos de Zootecnia e Medicina Veterinária devem conscientizar seus alunos que, em diversas situações, pequenas alterações de manejo e instalações, baseadas na observação comportamental dos animais, podem promover grandes benefícios de bem-estar e a um custo muito baixo. Os criadores, técnicos e tratadores devem ter a sensibilidade e olhar o animal não como um bem de sua propriedade, simplesmente, ou um investimento econômico, e sim como um organismo vivo, que sente e têm necessidades, e que responde aos estímulos do ambiente que o cerca. Estímulos positivos, de conforto, que melhoram seu bem-estar e, estímulos negativos, de estresse,

que pioram seu bem-estar. É uma regra muito simples e o resultado dependerá das atitudes tomadas no dia-a-dia. A cada instante que convivemos com o animal podemos adotar medidas que melhoram o seu bem-estar. Como já dito por Webster (1993), “para o animal não importa o que pensamos ou sentimos, e sim o que fazemos”. As palavras-chave para melhorar as condições de bem-estar dos animais são: conscientizar, acompanhar e cobrar, diariamente.

O mercado consumidor, facilmente influenciável pela mídia, as barreiras sanitárias e culturais impostas aos produtos brasileiros de exportação, a crescente preocupação com a qualidade dos alimentos e a forma como são produzidos, os protecionismos dos mercados importadores dos produtos brasileiros, são fatores que podem contribuir para melhorar o bem-estar dos animais de criação no Brasil, talvez não pelo apelo conceitual correto da real preocupação com os animais, mas sim pela atualidade do tema e pelo efeito da globalização.

As Universidades terão importância vital neste processo através do ensino de bem-estar animal aos seus alunos, que deve ser conduzido: 1) de forma a incluir nas suas atividades de ensino, conceitos e conhecimentos que permitam ao Médico Veterinário e Zootecnista identificar, questionar e corrigir situações que estejam afetando o bem-estar dos animais; 2) de forma crítica e criteriosa, sem se deixar levar pelos apelos da parte da mídia, muitas vezes irresponsável e desconhecadora do assunto ou, pelas paixões de grupos radicais que só enxergam um lado da questão, esquecendo todas as interações sociais,

econômicas e culturais envolvidas no tema; 3) de forma ética, abordando todos os aspectos relacionados ao tema, principalmente os aspectos éticos e legais; 4) de forma econômica e técnica, preparando e capacitando o profissional para que este possa interagir nos sistemas de criação, juntos aos criadores, técnicos e tratadores dos animais, conscientizando-os dos benefícios que podem ser obtidos com melhorias das condições de criação dos animais, reduzindo fatores de estresse e incluindo a preocupação com o bem-estar como prática diária de manejo dos animais e, conscientizando-os que estas práticas podem levar ou não à melhorias nos resultados de desempenho ou econômicos, mas que com certeza influenciarão na aceitação dos seus produtos pelo consumidor; e 5) de forma social e política, participando e assessorando os comitês políticos que propõe as leis municipais, estaduais e federais de bem-estar na utilização dos animais pelo ser humano, evitando equívocos como a proposição de leis que possam inviabilizar a produção e a experimentação com animais e colocar em risco a saúde e o bem-estar do ser humano e, por outro lado, que tais leis possam realmente identificar e coibir os excessos contrários ao bem-estar praticados nestes áreas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CONCEITOS DE BEM-ESTAR ANIMAL: um roteiro para auxiliar no ensino de bem-estar animal em faculdades de Medicina Veterinária. London: WPSA, 2002. 31p.

WEBSTER, A.J.F. **Animal welfare: a cool eye towards Eden.** Oxford: Blackwell Science Inc., 1995.